

O "MNR" é um braço da "BOSS" e do exército racista

CONFIRMA O ESPIÃO GORDON WINTER NO SEU LIVRO "INSIDE BOSS"

O espião sul-africano Gordon Winter, de quem falamos na nossa última edição, descreveu no seu livro «Inside BOSS» a forma como foi criado pelos Serviços Secretos sul-africanos e rodesianos o auto-intitulado Movimento de Resistência de Moçambique (MNR) para combater a Frelimo. Com conhecimento de causa, Winter, que foi o principal propagandista deste bando, relata o envolvimento directo do exército sul-africano nas acções dos bandidos do MNR.

«Sei tudo acerca deste movimento, porque fui o principal propagandista desde o começo. Quando comecei pela primeira vez a glorificar as suas façanhas, em Julho de 1977, ele só existia unicamente no papel. As operações de sabotagem que se registavam no interior de Moçambique eram secretamente levadas a cabo pelo Comando de Reconhecimento do exército sul-africano...» — revela Gordon Winter.

vernamentais», (in Africa New, Outubro de 1981). Isto é uma cópia fiel da tática usada por Jonas Savimbi, cabecilha da UNITA, no sul de Angola.

SUL-AFRICANOS CONTINUAM NO MNR

Unidades sul-africanas continuam aparentemente a tomar parte em algumas operações do MRM em Moçambique.

Em 14 de Outubro de 1981, por exemplo, forças armadas moçambicanas abateram três soldados sul-africanos que a Rádio moçambicana descreveu como «três... bandidos armados» que tentavam sabotar a linha férrea em Manica. O Governo sul-africano desmentiu que as suas tropas estivessem envolvidas em actos de sabotagem e terrorismo em Moçambique, mas ao mesmo tempo a agressão sul-africana, tal como o raide (incurião) em Maputo, no mês de Janeiro de 1981, é do conhecimento público.

Para conter esta agressão, Moçambique e o Zimbabwe assinaram um tratado de segurança e amurçaram com um ataque a Moçambique seria considerado um ataque ao Zimbabwe, e vice-versa. Ao mesmo tempo, a Frelimo está a treinar milícias populares como a sua mais importante arma contra a subversão estrangeira.

TERRORISMO E MENTIRAS

No fim do «Inside BOSS», Winter descreve dois acontecimentos que, segundo ele o levaram a abandonar a BOSS. Relatada — de forma pouco convincente — que a sua tomada de consciência começou quando o seu filho Guy nasceu em Julho de 1976. Sobranchando o seu filho recém-nascido afirma que pensou repentinamente: «os negros também têm filhos». Disse que começou então a preocupar-se com as condições de vida dos negros.

As relações agudizaram-se quando a filha de sua empregada doméstica foi presa. Winter declara que intercedeu por ela junto da Polícia de Segurança e foi-lhe garantido que ela não seria torturada ou maltratada. Depois dela ter sido libertada, Winter teve conhecimento que a filha da empregada tinha sido brutalmente torturada, quando afinal, lhe tinha sido informado que ela seria bem tratada.

Terá então começado o seu processo de deserção. Winter arranjou maneira de contrabandear oito pastas com todos os seus apontamentos, uma agenda-índice com os nomes das pessoas que espiou, e dúzias de documentos secretos da BOSS. Depois, com a esposa, partiu.

Fixou residência na Irlanda e começou a escrever «Inside BOSS».



Ponte do Pungô sabotada por tropas especiais do exército sul-africano, ajudadas pelos bandos armados financiados por Pretória. O objectivo é a destruição de infra-estruturas económicas

COLABORAÇÃO COM A CIA

Detelhando a sua carreira e actividades, Winter ilustra os trabalhos da BOSS em conjunto. Vai até mais longe. «Inside BOSS» inclui descrições sobre a CIA, as condições desumanas nas cadeias sul-africanas, a tortura, os Serviços Secretos Militares, e sobre o esquadra «Z» da BOSS, fundado no final de 1960 com a finalidade de assassinar pessoas não gratas ao regime do apartheid (o «Z» assassinou, entre outros, Abraham Tiro e «Boy» Mvenve).

No que respeita aos Serviços Secretos Militares, Winter escreve que a RAS enviou «peritos em demolições» para a Zímbia. Em colaboração com a CIA, o então Ministro da Defesa P. W. Botha enviou 200 soldados para combater na guerra civil do Biafra; o general Magnus Malan (agora Ministro da Defesa) criou a chamada «Resistência» contra Moçambique; e a RAS está profundamente envolvido na ajuda e apoio a Jonas Savimbi em Angola (depois da derrota das tropas sul-africanas em Angola, os Serviços Secretos Militares rapidamente produziram um patético documentário cinematográfico e para camuflar a verdade, criaram

a ideia que a RAS teria vencido o MPLA se os EUA não tivessem acabado com a sua cooperação com a Pretória. De acordo com Winter, o guião deste filme, «O Processo Angola», foi escrito, quase na totalidade, por Brian Crozier).

Winter igualmente descreve as relações entre a BOSS (agora denominada Departamento Nacional de Segurança) e os Serviços Secretos britânicos. A investigação entre a CIA e a BOSS (é evidente, por exemplo, na sua divisão de informações sobre a Amnistia Internacional) é muito estreita, mas, ao mesmo tempo, as suas estratégias são diferentes, como explicou «Van den Bergh a Winter. A BOSS está absolutamente comprometida com o regime racista do apartheid e com a minoria branca, enquanto a CIA joga com um pau de dois bicos. Assim, vença quem vencer, a América terá os seus juros — os nossos depósitos de minerais estratégicos e, o mais importante, a nossa mão-de-obra negra».



«To The Point» a revista financiada pela «BOSS» e onde aparecia com frequência propaganda a favor dos bandos armados do MNR

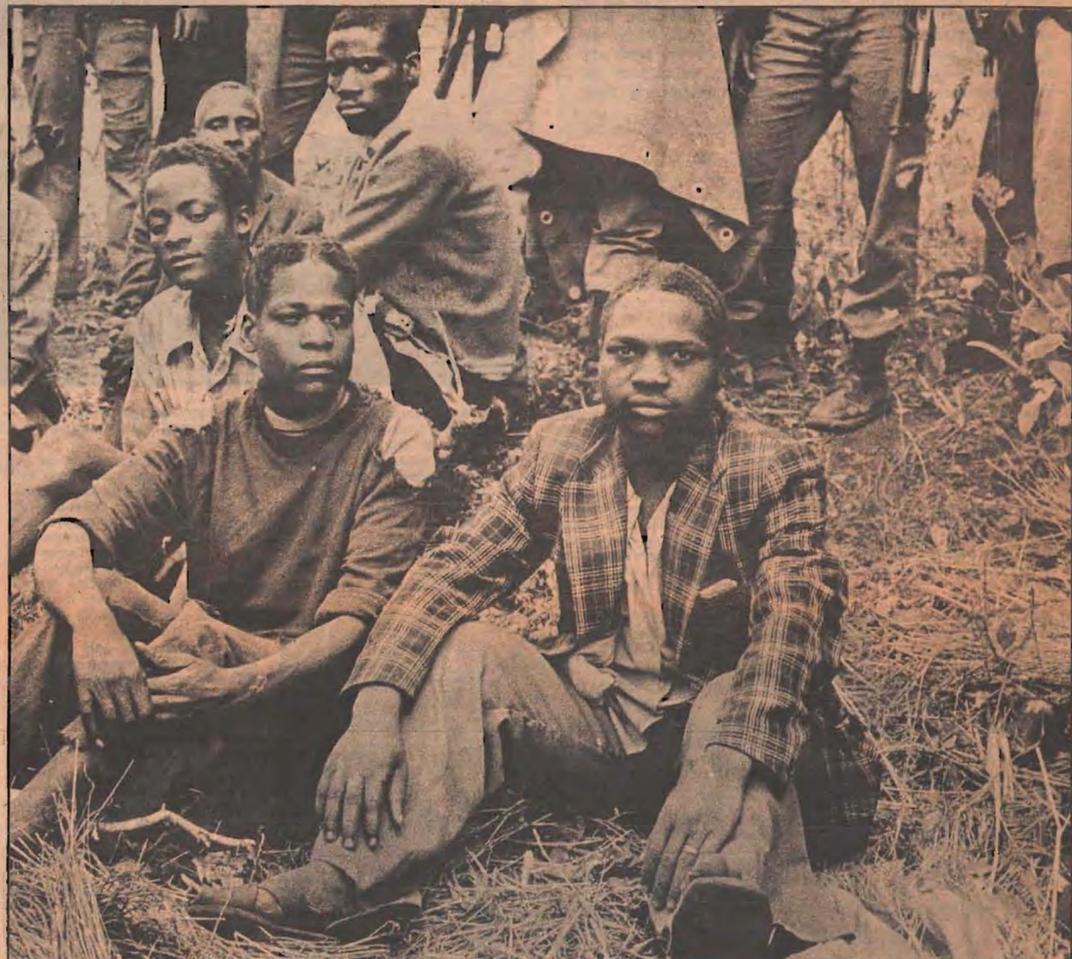
perigar os bens minerais do país. Por conseguinte, diz Van den Bergh, os capitalistas esforçam-se por que o Governo sul-africano mude a sua política de apartheid «pois assim eles não podem ser bem vistos a investir com insistência e continuidade num país com tal política». «Mas são hipócritas. Não mexem uma palha contra o apartheid ou tomam compromissos com os negros. Tudo o que lhes interessa é a estabilidade política na RAS, terra do leite e mel, até que os seus investimentos, negócios e interesses estejam defendidos». É nisto que a CIA e a BOSS

chocam: «Para assegurar que haverá sempre a sua qualidade de estabilidade, (a CIA) tem tentado derrubar o Governo por várias formas — principalmente criando líderes negros na RAS que cumprirão a linha de Washington caso tomem o poder...»

A tática da CIA, escreve Winter, tem um sucesso limitado devido ao facto de que a maior parte dos adversários do apartheid recusa qualquer ligação com os EUA. Assim, agora, a estratégia de repressão brutal da BOSS é a «estratégia padrão» na RAS. Foi nisto que Gordon Winter cumpriu um importante serviço. Como um bom

conhecedor de causa ele desmascara a BOSS e a repressão sul-africana como nunca. No fim do «Inside BOSS», Winter levanta uma questão óbvia: «Até que ponto a CIA e outras agências de espionagem utilizam as mesmas espécies de artifícios, técnicas sujas, mentiras, distorções desinformação, e enganos como aqueles usados pela BOSS? «Winter responde a isso com a frase favorita do seu antigo «patrão-espião e mentor», general H. J. Van den Bergh: «São parvos se o não fizerem».

IN «COUNTER SPY»



Bandidos capturados em Sitatonga. Nesta base destruída pelas FPLM muito antes de Garigua, mas tal como nesta, não só os prisioneiros revelaram o apoio directo sul-africano como o material encontrado o atestava

O Movimento de Resistência de Moçambique (MRM) criado pelos Serviços Secretos sul-africanos e rodesianos para combater a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) continua activa. Contudo, não adquiriu uma base popular e depende unicamente do apoio da África do Sul e da riqueza de alguns portugueses reaccionários que deixaram Moçambique depois da vitória da FRELIMO, e com a assistência dos restos da PIDE. Gordon Winter pensa que até agora o MRM é a «mais feliz operação clandestina até hoje montada pelo Governo sul-africano».

FOTOGRAFIAS FORJADAS

O jornal da BOSS para o qual Winter trabalhava, The Citizen, também publicava fotografias do MRM «treinando-se algures em Moçambique» que na realidade tinham sido tiradas pelos Serviços Secretos da RAS num local a poucas milhas de Pretória.

Eventualmente, o MRM era alargado para incluir descontentes moçambicanos, antigos Pides e pessoas contrárias à revolução. O MRM era também activamente apoiado por Ian Smith e Abel Muzorewa, e tinha campos de treino dentro da Rodésia. Com a derrota da minoria branca no Zimbabwe, as coisas começaram a tornar-se difíceis para o MRM. Em 3 de Junho de 1980, numa operação conjunta realizada pelas forças de segurança zimbabueanas e moçambicanas na província de Manica (a cerca de 30 milhas da fronteira com o Zimbabwe), o quartel-general do MRM em Moçambique foi destruído e cerca de 600 elementos do MRM foram ou capturados ou mortos na batalha.

Há fortes indícios que a ajuda sul-africana ao MRM aumentou depois desta derrota. Os campos de treino do MRM e o seu posto emissor de rádio foram transferidos para a RAS, e o MRM obviamente não tem falta de armas. Sabotou torres de alta tensão e instalações portuárias mas as suas actividades estão largamente limitadas a zona mais a sul da província de Manica, onde são abastecidos pela aviação sul-africana. O terrorismo do MRM é muitas vezes localizado em aldeias comunais, porque estas aldeias estão a erigir uma nova sociedade e a erradicar os restos do poder e estruturas coloniais. O MRM assassina e mutila os apoiantes da Frelimo e tenta «forçar uma completa separação entre a população local e os circuitos comerciais estatais». Por exemplo, no uso do sal e do açúcar na alimentação é proibido, porque estes produtos só podem ser obtidos através de canais go-